

ALEX AKIRA NOMURA CAVALCANTE PEIXOTO

NA TRAVE – A ILUSÃO DO FUTEBOL NO DF
Memorial de produção de filme sobre futebol e ilusões desfeitas

BRASÍLIA

2017

ALEX AKIRA NOMURA CAVALCANTE PEIXOTO

NA TRAVE – A ILUSÃO DO FUTEBOL NO DF

Memorial de produção de filme sobre futebol e ilusões desfeitas

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.
Orientador: Professor Mestre Luiz Cláudio Ferreira

Brasília
2017

ALEX AKIRA NOMURA CAVALCANTE PEIXOTO

NA TRAVE – A ILUSÃO DO FUTEBOL NO DF

Memorial de produção de filme sobre futebol e ilusões desfeitas

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientador: Professor Mestre Luiz Cláudio Ferreira

BRASÍLIA, 21 DE NOVEMBRO DE 2017

BANCA EXAMINADORA

Professor Luiz Cláudio Ferreira
Orientador

Professora Carolina Assunção e Alves
Examinadora

Jornalista Wilson de Paula Silveira
Examinador

Dedico este trabalho final à minha família. Outra fase da minha vida termina, com o fim do curso de jornalismo. Ao longo dos anos, tento a cada dia dar mais orgulho a eles, pois sempre me ofereceram apoio, estrutura e condições para que eu tivesse um futuro promissor. Ercília Massako Nomura Cavalcante Peixoto e Antonio Jorge Cavalcante Peixoto: espero conseguir corresponder todo o apoio que tive até hoje e, tenho certeza, que continuarei a tê-lo sempre.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pela oportunidade de fazer e concluir esta graduação. Ainda sobre os meus pais, minha mãe, Ercilia, e ao meu pai, Antonio Jorge, agradeço pelo apoio, suporte e paciência para comigo. Ao Cyber, meu cachorro, que está junto comigo há 16 anos. Ao meu orientador e mestre, Luiz Cláudio Ferreira, por ter acreditado que esse trabalho sairia, além de ter me auxiliado muito com ideias, ensinamentos e mostrar o real papel de um jornalista. Agradeço à minha examinadora, Carolina Assunção e Alves, por aceitar o convite e acreditar no meu trabalho. E ao examinador, Wilson de Paula Silveira, pela disponibilidade, pelo aprendizado, por ter me ensinado bastante com broncas, correções e mais broncas e, mesmo com uma rotina corrida, aceitou participar da banca do meu projeto.

Quero agradecer também aos ótimos amigos que fiz durante essa curta, mas ao mesmo tempo intensa, estrada como estudante de jornalismo. Obrigado Juliana Gonçalves, por estar junto comigo, pela forte amizade (acho que pelo olhar, se você estiver de óculos, a gente se entende) e pelo apoio desde o primeiro semestre, apesar de algumas irritações. Ao Victor Quilião, por ser meu parceiro em todos momentos e me lembrar que qualquer pessoa pode carregar uma boa história. À “funcionária” Marília Souza, por sempre ser recíproca em discutir boas ideias e sugestões para os trabalhos. Aos que embarcaram comigo na metade do curso e que também foram muito importantes pelas risadas, cervejas, conversas, ironias e pela amizade para que eu pudesse terminar o curso e o documentário: Ana Carolina Alves, Diego Schueng, Harley Alves, Luísa Ervilha e Victor Gammaro.

Ao meu amigo Leonardo Anacleto, o Peixe, que conheci durante o curso (mesmo não estudando juntos), e que me ajudou na edição do filme. Noites viradas, reviravolta nas ideias e muito trabalho, acredito que o filme superou as expectativas iniciais.

Obrigado pela paciência a todos que em algum momento fizeram parte, durante esses anos, e que de alguma maneira me influenciaram para a escolha e pela continuidade do curso. Professores, chefes, estagiários, colegas, funcionários, família, amigos do colégio, amigos de longa data, amigos da faculdade e aos amigos que levo e levarei para sempre. Agora a vida (re)começa!

“Certo comportamento de manada, em que um faz algo porque outro fez, deve ser vigiado e combatido. Em alguns momentos, é preciso ter coragem para publicar. Em outros, a ousadia de não publicar.”

(Paula Cesarino Costa)

“O jornalismo é popular, mas é popular principalmente como ficção. A vida é um mundo, e a vida vista nos jornais é outro.”

(Gilbert Chesterton)

RESUMO

Este trabalho é o memorial descritivo de um vídeo documentário (com conceitos expositivos, reflexivos e elementos poéticos), que reflete sobre a história dos sonhos de pessoas que gostariam de se tornar atletas de futebol e, após o revés, tiveram que recuperar o tempo perdido em outras profissões. Esta memória tem como objetivo apresentar um discurso sobre a diferença entre reportagem e documentário; o papel social que a mídia tem para o esporte; e algumas etapas do produto, desde a produção até a montagem do roteiro. O filme, intitulado *Na Trave – A ilusão do futebol no DF*, busca por documentos antigos, memória dos personagens, relatos de pessoas próximas e explicações de especialistas sobre essa cultura do esporte de alto rendimento. Para a produção, foram selecionados quatro personagens de realidades diferentes, mas com finais semelhantes. O objetivo do *Na Trave* é trazer ao espectador visões e reflexões a respeito do “fracasso” diante desse sonho alimentado pela mídia de diferentes formas.

Palavras-chave: Futebol; Sonhos; Oportunidades; Gestão; Documentário; Produto jornalístico.

ABSTRACT

This work is a descriptive memoir of a documentary video that contains expository, reflective concepts and poetic elements. It reflects the dream of people who would like to become a soccer player and after the setback had to make up into other professions. This memory aims to present the difference between reportage and documentary; the social role that the media plays in sports; and some steps of the final product: from production to the assembly of the script. The film titled *Na Trave – The illusion of the soccer in DF* seeks for old documents, characters' memories, narrative of people and expert explanations of this high-performance sport. For the production of this film four characters with different realities were selected although with similar endings. The goal of *Na Trave* is to bring to the viewer reflections about failure in the face of this dream fueled by the media in many ways.

Keywords: Football; Dreams; Opportunities; Management; Documentary; Journalistic product.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REPORTAGEM x DOCUMENTÁRIO	12
3 PAPEL SOCIAL DA MÍDIA NO ESPORTE	15
4 PRODUÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO	18
4.1 Tipos de documentário	20
5 ROTEIRO DE UM DOCUMENTÁRIO	22
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	25
APÊNDICE A – ROTEIRO	28

1 INTRODUÇÃO

O primeiro despertar: em fevereiro de 2016, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) divulgou, por meio da Diretoria de Registros e Transferência (DRT), o Relatório DRT 2015, que foi um levantamento inédito com estatísticas e dados que mostram a realidade do futebol brasileiro, desde número de jogadores registrados até salários. Nesses dados é possível observar que mais de 96% dos atletas, com contrato profissional, recebem salário de até R\$ 5 mil. É mostrado, também, que apenas 0,8% consegue ganhar um salário dos sonhos (mais de R\$ 50 mil mensais). Mesmo assim, qual seria o motivo para que tantas pessoas tentem seguir essa carreira tão difícil?

O segundo despertar: o sentimento que o futebol consegue causar em inúmeras pessoas é algo impossível de se explicar. Segundo Garganta (2004), o futebol desperta paixões, suscita críticas e inspira artistas. Portanto, o amor pelo time, a idolatria por um jogador e a gana de querer vencer e ser conhecido podem ser fatores que influenciam a escolha de muitos para tentar se tornar um jogador de futebol profissional. Para Barreto (2014), desde o título de 1958 os brasileiros sentiram no futebol uma capacidade transformadora, em que simplesmente o talento poderia unir as elites.

O documentário *Na Trave – A ilusão do futebol no DF*, fruto de reflexões feitas ao longo do curso, aborda as relações entre sonhos, realidades, casualidades, possibilidades e oportunidades de pessoas que aspiraram uma carreira profissional de sucesso no futebol, porém, por algum motivo, não foi concretizado. Para realizar o trabalho, foram discutidos caminhos da produção ao roteiro. O tema envolve particularidades culturais típicas de contextos nacionais de exposição, visibilidade e desigualdades sociais.

O sociólogo Ronaldo Helal, no artigo *Mídia e esporte: A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro* (2003), relativiza que a valorização do talento em certos momentos é tão grande que suplanta esforço e determinação. Segundo a consultora de Marketing e Comunicação Eliane Doin (2003), em *O Marketing pessoal na sua trajetória profissional*, o talento e a competência devem estar aliados à promoção de imagem. Ou seja, a pessoa deve possuir um conjunto de valores e competências para que o talento seja destacado.

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) publicou um estudo, em 2014, sobre os riscos e as oportunidades para as crianças e adolescentes no futebol. O sonho em se tornar jogador profissional é o anseio de grande parte das crianças, mas o desfecho negativo é mais comum ainda, já que a estimativa é que menos de 1% dos candidatos passam pelas peneiras

dos clubes, como consta no estudo da Unicef. Ou seja, para o sonho se tornar real é preciso muito mais do que maestria no esporte. São anos de investimento, tempo, frustrações, alegrias, histórias e, em alguns casos, sucesso.

Já é sabido que as oportunidades de emprego no País são difíceis para jovens e existe um “roteiro padrão” de vida: estudos no tempo certo, faculdade, tempo para investimento próprio e aperfeiçoamentos. Imagine para quem investiu tempo em outra profissão, que nem mesmo era sabido se daria certo. As oportunidades pós-sonho de ser jogador também são um ponto a ser visto em *Na Trave*.

Em qual perfil de personagens se concentrar para realizar o filme? Em 2015, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) levantou que o futebol é o esporte mais praticado pelos brasileiros, com 39,3%, e nesse percentual o grupo entre 15 e 24 anos era o mais representativo. Ou seja, não predomina uma classe social específica e gênero. Ainda que a escolha dos perfis fosse uma parte sensível para a realização do filme, o critério de seleção foi simples: sonhadores com boas histórias que, de certo modo, tiveram algum tipo de desilusão com o futebol profissional.

Muito raramente os problemas que afligem o indivíduo são pauta para os noticiários esportivos, e, ainda assim, só o são quando interferem diretamente no desempenho do atleta. Tais problemas envolvem aspectos cruciais da vida deste ser humano que se empenha em atender às expectativas nele depositadas por técnicos, dirigentes e torcedores, tais como saúde, relações familiares e sociais, educação e vida pós-esporte. (DA SILVA, 2006, p.52).

Posto isso, outra motivação para a temática do documentário foi justamente a baixa visibilidade dada às histórias que não dão certo, que ironicamente é a grande realidade de todos que tentam no chamado “país do futebol”, onde mais de 15,3 milhões possuem o hábito de praticar o esporte como atividade física ou esportiva (IBGE, 2015).

O futebol tem a capacidade transmitir o que a população do País, em muitos momentos, sente. É um jogo cujo resultado não conhecemos.

Em um jogo de futebol, não é possível saber, a partir de um estado inicial, qual o estado final de uma ação ou sequência, o que quer dizer que estamos em presença de situações de final aberto. Tênuas diferenças nas condições iniciais poderão, em certas circunstâncias, levar a mudanças maiores no comportamento do sistema, ou seja, um micro fato pode ter macro consequências ao nível do decorrer do jogo e do seu resultado. (GARGANTA, 2001, p.7).

Em outras palavras, não sabemos o resultado de uma partida, assim como não temos garantias do que poderá dar certo ou não no futuro, tanto na tentativa de ser jogador de futebol quanto em qualquer outra profissão, relacionada ou não com o esporte. E talvez essa imprevisibilidade no futebol que o faz estar intimamente ligado aos brasileiros, que estão sempre em uma batalha diária.

Para produzir o documentário *Na Trave* foi necessário procurar personagens dispostos a participar (e com coragem de expor um sonho não concretizado). Foram escolhidos personagens que já viveram de perto a chance de ser profissional. Pois, para entender os motivos é necessário ouvir os atores principais, isto é, quem viveu e vive esses momentos para poder contar. A etapa da produção foi entendida na prática como uma das mais complexas do processo. Além disso, conseguir transmitir todas as histórias e explicações dos especialistas em 18 minutos, combinado nos primeiros encontros com o orientador, também uma parte bastante trabalhosa.

Assim, o filme traz a perspectiva de muitos brasileiros sonhadores, que desejaram o futebol profissional como profissão. Mas a realidade, como da grande maioria que possui o mesmo sonho, é longe das quatro linhas.

Este memorial está dividido nos seguintes tópicos: a diferença entre reportagem e documentário; o papel social que a mídia tem para o esporte; como é realizada a produção de um documentário; as classificações dos tipos de documentário; e como é realizada a montagem do roteiro de um documentário.

2 REPORTAGEM x DOCUMENTÁRIO

Os produtos audiovisuais jornalísticos, o documentário e a reportagem, por possuírem muitas semelhanças, costumam confundir o espectador. Porém, a explanação de uma história de maneira profunda, registros de imagens, sons ambiente, personagens e lembranças que podem fazer uso da memória, não podem distorcer a classificação dos dois produtos citados.

Dos Santos Tomaim (2009) cita que a maneira de operação de um discurso fílmico sobre o passado, levando em consideração a tríade identitária (registro in loco, criatividade e ponto de vista) são a base para a produção do documentário. O Dicionário de Comunicação (2001), de Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Guimarães Barbosa, explica que o documentário deve ser baseado em acontecimentos reais, aspectos da natureza e da vida humana, e com fins científicos, didáticos, culturais e informativos.

Segundo Spinelli (2012), a reportagem possui caráter informativo e compreende no repórter uma atenção central, já no gênero documental a narrativa é feita pelas falas dos personagens que são montadas para obter um discurso com características opinativas. Jean-Jacques Jaspers segue a mesma linha de pensamento de Spinelli, citando que a reportagem procura se manter imparcial e que o repórter edita a história sem manifestar uma opinião contrária ou a favor do assunto. Ao contrário do documentário, no qual o autor cria uma obra e elabora a história de uma maneira original e pessoal sobre a realidade.

O documentário de criação fala na primeira pessoa, confessa a sua subjetividade, enquanto a grande-reportagem esconde esta subjetividade sob uma pretensão à universalidade. [...] Qualquer opinião dos media sobre o real é, por definição, parcial. O documentário de criação reivindica, de algum modo, esta limitação. (JESPERS, 1998, p.175).

Em comparação a um documentário, a imparcialidade e a objetividade são vistas de modo mais direto em uma reportagem. Ambos possuem viés de retrato social e real, porém na área documental os registros são feitos com uma maior liberdade criativa e possuem um caráter reflexivo e autoral, desde a fotografia até a trilha sonora usada.

Apesar de ambos construírem “discursos sobre a realidade”, o jornalista assume uma vocação pública específica, um “compromisso ético” de ser, essencialmente, um tradutor objetivo dos fatos de interesse público; enquanto o documentarista tem a função de, por meio de sua própria visão de mundo, “dar” noticiabilidade ou despertar o interesse sobre um determinado assunto. (BEZERRA; MORAIS, 2003, p. 8).

O uso das imagens também é um fator que diferencia os dois gêneros. Na reportagem, as imagens estão sincronizadas ao texto de *off* narrado, pois elas servem para dar veracidade sobre o que está sendo dito. Já no documentário, o uso do *off* não é obrigatório, as imagens devem apresentar uma significação para que possam contar a história por si mesmas. Dos Santos Tomaim (2009) defende que a composição da “voz” do documentário é realizada através de imagens do passado (película, digital, analógico) associadas aos elementos filmicos (imagens de arquivo, fotografias ou vídeos, reconstituições, músicas, dados etc).

Ao contrário do que habitualmente se vê na televisão, não é obrigatório que um texto em *off* faça parte de um documentário. Na reportagem, essa obrigatoriedade deriva da necessidade de se explicarem ou descreverem as imagens que se vêem. Pelo contrário, no documentário a imagem não é utilizada com fins meramente ilustrativos ou para confirmação do que é dito; a exploração do seu lado conotativo é o que de mais importante o documentário imprime nas imagens que utiliza. São elas o elemento essencial do documentário e que se sobrepõem ao que possa ser dito (PENAFRIA, 1999. p.23).

Em *Na Trave*, o futebol é um objeto chave para o filme, por esse motivo e por ser um esporte que envolve muitas ações e dinamicidade, o *off* foi preterido durante o filme. As imagens apresentadas e as histórias farão com que o espectador se prenda e entenda sem nenhum tipo de interferência de voz em *off*.

Na reportagem informativa os fatos são organizados de maneira linear por meio de elementos da linguagem audiovisual - *offs*, passagens e sonoras - com o intuito de fazer com que o espectador entenda perfeitamente as informações transmitidas, de uma maneira didática, imparcial e objetiva, que faz com que não haja nenhuma dúvida ou indagação sobre os eventos transcorridos na tela. (SPINELLI, 2012, p.3)

As escolhas das personagens e o modo como elas vão fazer parte do produto não são feitas de maneira igual nos gêneros. Para uma reportagem é necessário mostrar ao espectador a neutralidade jornalística. No documentário, a visão do autor é peça-chave. Porém, isso não justifica a falta de preparo ou fuga das regras do Jornalismo. “O realizador terá o cuidado de selecionar os interlocutores que aparecem no trabalho segundo critérios de representatividade e de autenticidade, a ainda – em menor dimensão – de fotogenia e emoção”. (JESPERS, 1998, p.175)

A voz de um documentário serve para demonstrar uma perspectiva, um argumento ou um encontro. [...] A voz do documentário é, com muita frequência, a voz da oratória. É a voz do cineasta que tenciona assumir uma posição a respeito de um aspecto do mundo histórico e convencer-nos de seus méritos. (NICHOLS, 2005, p.77-79)

Postas as diferenças entre reportagem e documentário, o presente produto jornalístico, *Na Trave* é um documentário que apresenta histórias de pessoas que tinham o sonho de se tornarem jogadores de futebol. Mas, a realidade, como citada na pesquisa da Unicef, menos de 1%, dos candidatos que participam das seletivas para começar a jogar em um time profissional, são aprovados. Os personagens de *Na Trave* também não prosseguiram no sonho. Hoje, apesar de não terem se tornado jogadores profissionais, ainda possuem histórias, lembranças, motivos pela desistência e arrependimentos. Optou-se pela não utilização do *off* e pela divisão de blocos, associados a uma partida de futebol, para que a história fosse desenvolvida nas vozes dos especialistas e personagens em conjunto com as imagens de apoio e divisões vistas em partidas de futebol.

3 PAPEL SOCIAL DA MÍDIA NO ESPORTE

A construção do jornalismo, e consequentemente de um bom jornalismo, é baseada na consciência do seu papel social, com a verdade e com a objetividade das histórias contadas. O profissional deve estar comprometido em apurar e produzir a notícia de maneira fidedigna, clara e, além disso, disseminá-la para que grande parte das pessoas possam ter acesso.

A noção de “imprensa livre” ou o jornalismo como “quarto poder”, que definiram um ethos próprio para os jornalistas, nomeadamente o de um comunicador desinteressado que não só serve à opinião pública e constitui uma arma, imprescindível em democracia, contra a tirania insensível ou quaisquer eventuais abusos de poder, mas também que se sente comprometido com a verdade (TRAQUINA, 2000, p. 25, grifos do autor).

Segundo Hatje e Carvalho (2001), a mídia possui uma relevante importância na vida das pessoas, seja para informar ou entreter, pois consegue abranger todas as esferas da vida social do cidadão. Ou seja, a mídia é capaz de inspirar pessoas, é capaz de fazer com que sejam criados novos objetivos na vida daquele espectador.

Franciscato (2005) ressalta que notícias podem influenciar em decisões e ações, na medida em que estimulam a interação entre as pessoas. “O jornalismo cumpre um papel social específico, não executado por outras instituições, de produzir conteúdo noticiosos”. Seguindo a afirmação de Franciscato, o jornalismo tem a possibilidade de cumprir um papel social de extrema importância, caso seja feito corretamente, por meio da rápida socialização e fácil entrada no cotidiano das pessoas.

Como instituição social, o jornalismo cumpre um papel social específico, não executado por outras instituições. A instituição jornalística conquistou historicamente uma legitimidade social para produzir, para um público amplo, disperso e diferenciado, uma reconstrução discursiva do mundo com base em um sentido de fidelidade entre o relato jornalístico e as ocorrências cotidianas (FRANCISCATO, 2005, p. 167).

O esporte, para Tubino (2001), é um meio de socializar e conscientizar a comunidade. “Existem, inclusive, aquelas pessoas que, ao referir-se à relação social do esporte, chegam até a sugerir que é possível construir uma sociedade mais humana por meio do esporte”. Tubino também alerta sobre a capacidade que a mídia pode ter quando se trata da propagação do esporte, em muitos casos apresentando apenas o esporte de rendimento e não o fator social.

O esporte não foge à regra de cumprir um papel social. E a mídia está diretamente ligada ao papel que o esporte pode ter quando a influência está em jogo. Chauí (2006) cita o

exemplo em que a televisão apoia determinado presidente da república, noticiando informações de melhorias e elogios, do mesmo modo que se a mesma emissora resolver tomar posição contrária as notícias apresentadas não serão favoráveis. “Graças à encenação da informação e ao ocultamento da intenção persuasiva” (CHAUI, 2006), ou seja, a informação é mostrada a partir do interesse de quem apresenta, e o esporte não está livre desse interesse midiático. Cabe ao espectador e ao programador selecionar o que será apresentado.

Uma das maiores influências da mídia sobre a prática esportiva é o fato da TV, principalmente, recair somente sobre alguns tipos de esporte, de acordo com os seus interesses comerciais. Este fato tem provocado maior incidência da prática nestas modalidades esportivas mais contempladas e ao mesmo tempo uma redução gradativa nos esportes que não sensibilizaram a mídia, (TUBINO, 2001, p.85).

O esporte é considerado uma atividade capaz de envolver socialmente um enorme público, além de ser inclusivo e apaixonante. Behmoiras (2011) afirma que o esporte, como tipo de manifestação cultural, deixou de ser próprio de seu tempo, povo e comunidade e passou a ter entidades próprias em cada modalidade. “O esporte tem um poder de audiência fantástico. Na Copa do Mundo de 2006, houve uma audiência acumulativa de 32 bilhões de telespectadores em todos os jogos, sendo que no jogo da final foram cerca de 2 bilhões de pessoas”.

Números como esses, citados por Behmoiras, mostram como um esporte pode ser capaz de mobilizar bilhões de pessoas, em diversos lugares do mundo. Segundo Bracht (2005), muitos estão ligados ao esporte por causa do atual modelo social que está incluso no mundo, já que “tão rápido e tão ferozmente quanto o capitalismo, o esporte expandiu-se pelo mundo todo e tornou-se a expressão hegemônica no âmbito da cultura”.

[...] o desporto funciona como um polo que realça os valores da cidadania e do trabalho em equipa, ao mesmo tempo em que combate frontalmente fenómenos destrutivos que caracterizam a nossa sociedade, como droga, violência e criminalidade. Sobretudo porque ensina e comprova que todos podem fazer alguma coisa por si próprios (BENTO, 1998, p.125).

O esporte pode ser visto como um meio que consegue unir nações, leva a paz por onde passa, livra jovens das drogas. Em muitos casos, o esporte é visto e explorado como salvação de diversos problemas sociais pelos quais determinado país passa. O poder que a mídia, principalmente a televisiva, tem de influenciar ou, até mesmo, iludir é enorme.

Wohlgemuth (2005) cita que as apresentações das imagens são reais, mas também existem pessoas que podem apresentar o vídeo da maneira que lhe for idealizado.

[...] as imagens de vídeo são imagens da realidade, mas não a própria realidade. Portanto, a produção de mensagens audiovisuais exige a realização de um trabalho consciente e deliberado sobre a realidade, que deve ser transformada em imagens e sons capazes de levar ao interlocutor massivo um conjunto de informações, um conjunto de dados educativos e um conjunto de dados de elementos de capacitação. Nenhum vídeo, nenhum equipamento de produção audiovisual faz isso sozinho – o vídeo não é mais do que uma ferramenta nas mãos de alguém e a serviço de uma proposta, de uma idéia (WOHLGEMUTH, 2005, p.12).

A ideia de produção de um documentário para expor vontades, sonhos e frustrações infere que as imagens e expressões dos personagens possam evidenciar melhor os próprios sentimentos. Como foi dito por Wohlgemuth (2005) “as imagens de vídeo são imagens da realidade, mas não a própria realidade”.

O documentário é um gênero que serve muito bem como campo de discussão de injustiças sociais. Por meio dele, é possível trabalhar vozes diversas apresentando personagens de classes sociais diferentes, muitas vezes representando a oposição da minoria forte e privilegiada contra a maioria fraca (LEVIN, 2012, p.1)

Assim, *Na Trave* apresenta imagens reais e sons fiéis aos locais das filmagens que têm como objetivo fazer com que o espectador se sinta inserido ainda mais nas histórias e que possa refletir sobre como a mídia aborda as histórias de pessoas que não tiveram sucesso na carreira de jogador ou, até mesmo, nem conseguiu ter oportunidade de iniciar a profissão.

4 PRODUÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO

A produção de um documentário se refere, segundo Rodrigues (2007), a todo processo que envolve fazer um filme incluindo seu planejamento, captação de recursos e de histórias. Pôde se verificar na prática no curta-metragem *Na Trave* que esse envolvimento compreende convencer entrevistados a se exporem com suas trajetórias. “Produzir é talvez a palavra mais importante num *set* de filmagem. O produtor é a mola-mestra, o grande possibilitador de toda a engrenagem” (MARQUES, 2007, p.59).

O trabalho de produção de um documentário envolve alguns processos extensos e complexos, principalmente pela necessidade de dependência do “próximo” para tornar o filme possível. Segundo Marques (2007), existem três fases que podem organizar o planejamento do filme. A pré-produção (roteiro, captação e preparação para as filmagens), produção (filmagens) e pós-produção (decupar e edição).

O processo de pré-produção de um filme, pode-se compreender, como a parte mais cansativa e trabalhosa, pois são necessários planejamento, organização, busca pelos personagens e, após encontrá-los, o processo de convencimento para participar do vídeo, deslocamento, aluguel do material e paciência e perseverança. Por outro lado, todo o esforço tende a valer a pena, como Marques (2007) afirma que “Produzir um filme é possibilitar sua realização, mas também fazê-lo e, ao mesmo tempo, causá-lo, motivá-lo e até criá-lo”. É nessa fase que saberemos como se dará o filme, pois nem tudo que é imaginado no roteiro acaba possível.

Além das delimitações de tempo, outra grande diferença encontrada na produção de documentários, em relação à de ficções, é que é difícil se estabelecer, logo no início, uma análise técnica detalhada e definitiva, uma vez que é praticamente impossível saber com muita antecedência quais personagens serão entrevistados, onde serão estas entrevistas e em que condições serão feitas, isso pelo menos até que se finalize completamente a pesquisa e o contato com os personagens escolhidos, o que ocorre já muito perto das filmagens. (COELHO, 2011, p.15)

A pré-produção define o roteiro, as necessidades de recursos materiais e humanos, além de auxiliar na confecção da organização para as entrevistas e filmagens. Coelho (2011) explica que as produções de filmes dependem não apenas da criatividade e da vontade de realizar, mas também, se não, principalmente, de condições técnicas e financeiras para a concretização das ideias. Acrescento também que a produção de um documentário depende muito da capacidade de convencimento e procura dos personagens.

Em *Na Trave* foram selecionados 16 candidatos a personagens, após consultas, indicações e buscas por pessoas que encaixavam no perfil: ter o sonho e ter tentado ser um jogador de futebol profissional. Após essa pré-seleção, foram escolhidos 10 para uma melhor apuração das histórias e posteriormente quatro para participar do filme. Quatro pessoas acabaram desistindo de participar, duas disseram que pensaram melhor e o trabalho seria uma forma de exposição que eles não gostariam. Já as outras duas não falaram nada, simplesmente pararam de responder, atender ligações e nunca estavam em casa. Confesso que nem todos os quatro personagens finais foram os escolhidos inicialmente, mas como Coelho (2011) citou, “é praticamente impossível saber com muita antecedência quais personagens serão entrevistados”, cada um possui um ritmo de vida diferente ou pode ocorrer a possibilidade de recuo, e foi isso que aconteceu pelo menos quatro vezes.

Embora não seja regra, o mais das vezes, esta fase dependente do que o documentarista encontra in loco. Antecipar determinados acontecimentos é uma tarefa impossível, pois os mesmos são por natureza imprevisíveis. Esta situação pode implicar que se altere ou se reformule o que inicialmente estava previsto apresentar no filme. (PENAFRIA, 2001, p.4)

Durante a produção busquei selecionar personagens que se encaixariam no roteiro pretendido do filme e pessoas que tivessem algum tipo de arquivo pessoal para incrementar o material (vista a especificidade do documentário). O gênero do trabalho necessita do uso de documentos para a caracterização da história. Assim como Gomes, Melo e Morais (2001) cita a importância de evidenciar recortes da realidade é fundamental para o gênero documentário.

Partindo de um fato, procura mapear outros fatos correlacionados, acontecimentos interligados, causas e consequências. Traz consigo o tom de explicação, apresenta imagens e depoimentos que comprovam o que é dito e também funcionam como registro, como mecanismo de resgate da memória humana. (GOMES; MELO; MORAIS; 2001, p.8).

Cristina Teixeira Melo ainda cita a existência de dois tipos de documentários, os materiais (que já possuem um suporte por já terem sido feitos) e os imateriais (em forma de relato e só a partir do produto final irão se tornar parte da memória).

Observamos que, às vezes, os registros materiais sozinhos têm uma representatividade completa, ou seja, são auto-explicativos. Em outros momentos, podem ser utilizados somente para ilustrar os depoimentos que se referem ao passado, estando ali para reforçar a verdade, servindo de complemento e muitas vezes se sobrepondo inclusive às falas dos entrevistados. (MELO, 2001, p.7)

Na Trave utilizou imagens antigas para ilustrar depoimentos dos personagens e de pessoas próximas a eles, podemos considerá-lo um assunto de questões sociais, por se tratar do sonho de pessoas em ser jogadores de futebol, e biográfico por cada personagem estar contando a própria história e ter motivações para o sonho e posteriormente desistência. O gênero documentário possibilita ao documentarista montar, idealizar e roteirizar o filme do seu ponto de vista, e tentando, talvez, apresentar aos espectadores um novo olhar ao que se foi exposto. Segundo Gancho (1997), o autor do documentário apresenta uma “mensagem do texto”, mesmo que a história seja normal ou não.

4.1 Tipos de documentários

Para caracterizar o filme, esse memorial se baseia nos modelos propostos por Bill Nichols em “Introdução ao documentário” (2005), e apresenta conceitos de documentário expositivos, reflexivos e elementos poéticos. Foi usada como base a emoção, que é uma característica do modelo poético, e nos modelos expositivo e reflexivo a tentativa de estimular o espectador a questionar uma realidade não muito vista. Além disso, são apresentadas imagens e relatos antigos dos personagens. Nichols (2005) classifica os documentários em seis tipos: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático.

O modelo poético utiliza as referências históricas como fonte, usa aspectos reais e do dia a dia para torná-lo produto, utiliza associações visuais e ambiente para dar forma ao filme.

O modelo expositivo tenta apresentar uma interação direta com o espectador, expõe um argumento ou reconta uma história. Nesse sentido, de haver uma clara relação entre documentarista e personagem, pode-se entender que há elementos no filme desse tipo. O que pode ser explicado pelo fato de que foi com esse modelo de produção ou de construção narrativa mais presente nas faculdades de jornalismo. No documentário expositivo as imagens sustentam as afirmações básicas ao invés de construir uma ideia nítida de determinado assunto. Também é possível utilizar a voz, ou seja, o documentário apresenta comentário.

O modelo observativo apresenta a visão, quase direta, do diretor. Os personagens agem naturalmente e ignoram as filmagens. É o tipo de documentário que se aproxima dos fatos reais e instantâneos em que se ocorrem. É necessário o consentimento do grupo filmado.

O modelo participativo tenta demonstrar ao espectador como é estar em determinada situação (o documentarista transforma-se em um personagem da história). Por ter

um envolvimento mais direto entre o cineasta e a temática, a entrevista é uma ótima ferramenta para esse modelo de documentário.

O cineasta despe o manto do comentário em voz-over, afasta-se da meditação poética, desce do lugar onde pousou a mosquinha da parede e torna-se um ator social (quase) como qualquer outro. (Quase como qualquer outro porque o cineasta guarda para si a câmera e, com ela, um certo nível de poder e controle potenciais sobre os acontecimentos). (NICHOLS, 2005, p.154).

O modelo reflexivo faz com que o espectador seja estimulado a pensar como se fazer um documentário, neste modelo se questiona como o próprio filme é feito. “Esses filmes tentam aumentar nossa consciência dos problemas da representação do Outro, assim como tentam nos convencer da autenticidade ou da veracidade da própria representação”. (NICHOLS, 2005, p.164).

Por fim, o modelo performático enfatiza as características subjetivas dos depoimentos e apresenta uma nova forma de expressar as narrativas. “O documentário performático restaura uma sensação de magnitude no que é local, específico e concreto. Ele estimula o pessoal, de forma que faz dele nosso porto de entrada para o político”. (NICHOLS, 2005, p.176).

Apesar de não existirem regras fixas sobre as diferenciações dos documentários, já que alguns podem ter características de outros, esses estilos de documentários foram conceituados de acordo com a evolução dos produtos, porém, ainda influenciam os produtores.

No filme *Na Trave*, os depoimentos dos personagens se assemelham. Eles apresentam algumas das principais dificuldades para alguém se tornar um jogador de futebol profissional. Cada um, por seus motivos, desistiu de um sonho comum. O vídeo mostra a realidade de brasileiros que sonham em ter como profissão o esporte mais praticado no País.

5 ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO

A ideia do documentário *Na Trave* é de mostrar a visão e os motivos dos próprios personagens em não terem dado sequência no sonho de serem jogadores de futebol. O filme, apresentado como produto do trabalho de conclusão de curso, tem 18 minutos (determinados previamente com o orientador) e foi construído a partir dos relatos das fontes, dados estatísticos e análises de especialistas, além de imagens e sons ambientes. Puccini (2009) esclarece que o documentário é o resultado de um processo criativo do cineasta marcado por várias etapas de seleção, comandadas por escolhas subjetivas do realizador. Ou seja, a parte de roteirização do filme é o momento no qual os recortes das imagens (captadas durante a produção) são feitos para que seja efetuada uma história com elementos estruturais que façam sentido. Segundo Hampe (1997), o roteiro envolve as três fases de um documentário: “início”, “meio” e “fim”. O autor acrescenta que “todas as cenas” devem ser descritas, ou seja, toda vez que ocorre mudança do espaço apresentado, é iniciada uma nova cena.

Um documentário normalmente não tem a estrutura comum dos filmes de ficção, com pontos de virada (plot points), barreiras, e outros elementos estruturais com o intuito de avançar a trama. Mas um documentário tem a mesma necessidade estrutural, que é manter o público interessado, do início ao fim do filme. (HAMPE: 1997, p.2)

Em *Na Trave*, foi planejado um roteiro que contasse as histórias dos personagens e, ao mesmo tempo, tentasse manter uma linha coerente em relação ao sonho de ser jogador. “Um roteirista é um arquiteto de filmes” (HAMPE, 1997, p.1).

O roteirista faz o mesmo tipo de pesquisa para um documentário, que um escritor teria que fazer para um artigo em uma revista. Visitar as locações, falar com as pessoas, obter os fatos – o quem, o que, o quando, o onde, o porquê e o como de cada evento a ser documentado. Deve conseguir, também, algumas informações básicas, como uma lista de pontos históricos, uma lista pessoas a serem filmadas, de lugares, e de eventos que devem ser filmados. (HAMPE, 1997, p. 1).

Para Comparato (1992) a imparcialidade é o princípio fundamental do documentário. Ele explica que o roteiro deve ser apenas uma ferramenta de orientação e referência, já que, por ser um documentário, novos elementos podem aparecer e ser colocados no filme. Gúzman (2009) também entende que a criação de um roteiro, com desenvolvimento e desfecho é importante para a produção de um documentário. “Um documentário precisa, sem dúvida, da escrita de um roteiro com protagonistas e antagonistas, com cenas pré-determinadas, uma iluminação calculada, diálogos mais ou menos previstos e alguns movimentos de câmera

ajustados de antemão” (GÚZMAN, 2009, p.1). A flexibilidade do roteiro também é defendida por Puccini (2009), que também expõe as facilidades que um roteiro pode ter.

Saber antecipadamente o que interessa filmar, e como filmar, impede que o documentarista desperdice tempo de filmagem com tomadas aleatórias de eventos que mais tarde, durante a montagem, se revelarão de nenhum interesse para o filme. (PUCCINI, 2009, p.189).

Nos dias atuais, o uso do “Documentário Direto”, definido por Puccini (2009) como a prática de filmagem “sem roteiro”, tem sido inviável principalmente pela questão da montagem e edição do filme que podem demandar custo e tempo.

[...] a produção de um filme documentário é guiada por leis internas próprias que variam de filme para filme ou mesmo de produtor para produtor, fato esse que obriga o roteirista a trabalhar com uma flexibilidade maior [...] (PUCCINI, 2009, p. 177).

Para produzir *Na Trave*, houve dificuldades inerentes à produção de um roteiro, tendo um pouco mais de três meses entre formulação da ideia, de todas as etapas de produção, produção do pré-roteiro e depois a finalização. Como se trata de um gênero diferente da reportagem, foi necessário adequar planejamento e organização para seguir para ilha de edição. Na fase de pré-produção, tinha apenas uma vaga ideia de como as cenas iriam se encadear. Apesar de possuir imagens de arquivo, o assunto exigiu, em grande parte, a utilização da memória dos personagens. Todavia, o “compromisso com a verdade, imparcialidade, diversidade de pontos de vista, deixando ao espectador as interpretações” (COMPARATO, 1983) foram sempre levadas em consideração na montagem do roteiro final.

A fase de edição exigiu que tivesse o mínimo de organização das cenas, que foram divididas nos blocos Escalação (apresentação dos personagens); Apito inicial (quando começou o sonho); Chance de gol (experiências vividas); Impedimento (dificuldades para prosseguir no sonho); Apito final (desistência); e Pós-jogo (sentimento de tentar o sonho) a fim de que a estrutura apresentasse uma coerência interna na relação de separação por assuntos, sequência cronológica e tratamento de fundo moral das questões trazidas em um filme que envolviam histórias de desistência ou de frustração de sonhos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os primeiros semestres do curso, pensava em produzir um filme para o trabalho final, principalmente por acreditar ser um produto em que eu poderia mostrar o que eu gostaria de ver sobre determinado assunto. Mas qual assunto? Por meio dessa pergunta que o filme começou a ser pensado. Uma das minhas maiores paixões, desde criança, é o futebol, e como muitos tinha o sonho de entrar em um estádio lotado e ouvir a torcida gritando meu nome. No meu caso, foi apenas um sonho. Nunca tentei, bem longe disso. Mas esse sonho não prejudicou ou me afastou dos estudos e do convívio familiar em nenhum momento. Só que isso ocorre com jovens em situação de vulnerabilidade, como já foi registrado no filme de ficção *Linha de Passe* (2008), de Walter Salles e Daniela Thomas.

Na Trave espera que o espectador reflita sobre a realidade que a maioria, que possui o sonho de se tornar um jogador profissional, passa. Quais influências para a escolha desse sonho? Quais experiências? Quais foram os impedimentos? O documentário apresenta imagens e histórias, que apesar de ser a maioria dos casos, são poucas vezes divulgadas pela mídia, e que é a grande realidade dos jovens ao tentarem ser profissionais, que segundo a Unicef (2014), menos de 1% são aprovados nas peneiras. A expectativa do filme para com o espectador é evidenciar que o esporte mais comum e mais praticado no País, o futebol, não vive só de alegrias, existem mais frustrações por trás de cada história que teve desfecho negativo.

Trabalhoso, estressante, empolgante, cansativo, agonizante e motivante. Todos esses sentimentos, em alguma parte na produção do filme, foram sentidos. Montagem, imagens, trilha, cortes, falhas, palavras-chave e respirações. Cada ponto foi visto e revisto. Muito ainda pode ser melhorado, mas a satisfação com o produto final é enorme.

Foi uma ótima bagagem para conseguir improvisar em perguntas, em convencer personagens, a saber receber negativas de entrevistas, utilizar detalhes das imagens como apoio, utilizar respostas, que talvez não tivesse sentido na hora, como gancho dentro do filme. Tive diversas ideias na cabeça, na montagem do vídeo, outras muitas foram aparecendo durante, nem todas pude usar. Mas, no final, o documentário, para mim, pode ser resumido em duas palavras: alívio e orgulho.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Emanuel Francisco Pinto. Brasil: A seleção é a pátria em chuteiras. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 9, n. 17, 2014.
- BEHMOIRAS, Daniel Cantanhe de. **Educação física escolar e sua interface com o esporte e a mídia**. 2011. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- BENTO, Jorge Olímpio. **Desporto e Humanismo**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.
- BEZERRA, Ana Clara de Lemos; MORAIS, Wilma Peregrino de. **As rotinas de produção e suas interferências nos documentários e reportagens especiais televisivos**. 1o encontro nacional de pesquisadores em jornalismo, Brasília, 2003.
- BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte, uma introdução**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.
- CBF – Confederação Brasileira de Futebol. **Relatório DRT 2015**. 2015. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-salario-dos-jogadores#.Wdl0Aa3Oq9Z>>. Acesso em: 20 de agosto de 2017.
- CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder: uma análise da mídia**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.
- COELHO, Carolina Villalobos dos Santos. **O prólogo: um projeto de produção para documentário**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro**. Lisboa: Pergaminho, 1992.
- COMPARATO, Doc. **Roteiro: arte e técnica de escrever para cinema e televisão**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1983.
- DA SILVA, Verônica Lima Nogueira. **O preço de um sonho: a realidade do esporte que não é mostrada pela mídia. Motrivivência**. Florianópolis, n. 27, p. 49-72, jan.2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2264/1918>>. Acesso em: 7 de outubro de 2017.
- DOIN, Eliane. **O Marketing pessoal na sua trajetória profissional**. 2003. Disponível em: <<http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos/O%20Marketing20pessoal%20n%20sua%20trajetoria%20profissional.htm>>. Acesso em: 1 de outubro de 2017.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão (SE): Editora UFS/Fundação Oviedo Teixeira, 2005.
- GANCHO, Cândida. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Atica, 1997.
- GARGANTA, Júlio. Atrás do palco, nas oficinas do Futebol. In J. Garganta, J. Oliveira & M. Murad (Orgs.), **Futebol de muitas cores e sabores. Reflexões em torno do desporto mais popular do mundo** (pp. 227-234). Porto: Campo das Letras. 2004.

GARGANTA, Júlio. Futebol e ciência. Ciência e futebol. **Revista Digital, Buenos Aires**. Ano 7, n. 40, Setembro de 2001. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd40/fcienc.htm>>. Acesso em: 1 de outubro de 2017.

GUZMÁN, Patrício. **O roteiro no cinema de documentário**. 2009. Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/media/2009/06/448249.pdf>>. Acesso em: 7 de outubro de 2017.

HAMPE, Barry. **Escrevendo um documentário**. 1997. Disponível em: <<http://lsgasques.blogs.unipar.br/files/2008/05/escrevendo-um-documentario.pdf>> Acesso em: 4 de outubro de 2017.

HATJE, Marli, CARVALHO, Sérgio O Grande imprensa: valores e/ou características veiculadas por jornais brasileiros para descrever a participação da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1998 em França. 2000. **Revista Kinesis, No Especial**, p. 64-154, Santa Maria, RS. 2001.

HELAL, Ronaldo. Mídia e esporte: A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. In: **XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Belo Horizonte, 2003.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2015. Prática de Esporte e Atividade Física**. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100364.pdf>>. Acesso em: 20 de agosto de 2017.

JESPERS, Jean-Jacques. **Jornalismo televisivo**. Coimbra: Minerva, 1998.

LEVIN, Tatiana. **O documentário como espaço de denúncia da injustiça social e do conflito, os casos A Grande Liquidação e Comedores de Ferro**. 2012. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/4725123-O-documentario-como-espaco-de-denuncia-da-injustica-social-e-do-conflito-os-casos-a-grande-liquidacao-e-comedores-de-ferro.html>>. Acesso em: 5 de outubro de 2017.

MARQUES, Aída. **Idéias em movimento: produzindo e realizando filmes no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

MELO, Cristina Teixeira, GOMES, Isaltina, MORAIS, Wilma. O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral. In: **Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação**, Campo Grande, 2001. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/11572121297094948981203363_898082664337.pdf> . Acesso em: 7 de outubro de 2017.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução: Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

PENAFRIA, Manuela. O Ponto de Vista no Filme Documentário. **Biblioteca Online de Ciências da Educação**. 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf>>. Acesso em: 7 de outubro de 2017.

PENAFRIA, Manuela. Perspectivas De Desenvolvimento para o documentarismo **Biblioteca Online de Ciências da Educação**. 1999. Disponível em:

<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-perspectivas-documentarismo.pdf>> . Acesso em: 7 de outubro de 2017.

PUCCINI, Sérgio. Introdução ao roteiro de documentário. **Revista Digital de Cinema Documentário**. N. 6, p. 173-190, ago. 2009. Disponível em:

<http://www.doc.ubi.pt/06/artigo_sergio_puccini.pdf>. Acesso em: 14 de setembro de 2017.

RABAÇA, Carlos Alberto e BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. São Paulo : Ática, 1987.

RODRIGUES, Chris. **O Cinema e a Produção**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SPINELLI, Egle Muller. Jornalismo Audiovisual: Gêneros e Formatos na Televisão e na Internet. In: **Revista Alterjor**, n.6, Ano 3, v.2. São Paulo: ECA-USP, 2012.

TOMAIM, Cassio dos Santos. O documentário como chave para a nossa memória afetiva. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, Brasil, 2009. Disponível em:

<<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/259/252>>. Acesso em: 7 de outubro de 2017.

TRAQUINA, Nelson. A redescoberta do poder do jornalismo: análise da teoria do agendamento. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **O poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento**. Coimbra: Minerva, 2000. p. 13-43.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões Sociais do Esporte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância. **A infância entra em campo – Riscos e oportunidades para crianças e adolescentes no futebol**. 2014. Disponível em: <

https://www.unicef.org/brazil/pt/br_infanciaemcampo.pdf> . Acesso em: 8 de outubro de 2017.

WOHLGEMUTH, Julio. **Vídeo educativo: uma pedagogia audiovisual**. Brasília: Senac, 2005.

APÊNDICE A – ROTEIRO

CENA 1 Abertura do filme	ÁUDIO
VÍDEO Ajustando a câmera + andando em campo	Silêncio
VÍDEO Marlene arrumando as medalhas	Som: Batidas de bateria de escola de samba
VÍDEO Focalizando o jogo	
VÍDEO Francisco arrumando a rede	
VÍDEO Reunião antes do jogo	
VÍDEO Jogador saindo de campo lesionado	
VÍDEO Alongamentos antes do jogo	
VÍDEO Romário batendo pênalti	
VÍDEO Jogadores enfileirados para o hino nacional	
VÍDEO Chute na bola	

<p>VÍDEO Jogadores dividindo a bola</p> <p>VÍDEO pedaladas</p> <p>TÍTULO: NA TRAVE – A ILUSÃO DO FUTEBOL NO DF</p>	<p>Música: Instrumental Rap Beat/Samba (Sample Cartola) – Zaru Beatz</p>
<p>CENA 2 Introdução</p> <p>VÍDEO Crianças jogando futebol na rua</p> <p>Luiz Otávio Teles Assumpção – Doutor em Sociologia do Esporte + GC</p>	<p>”Veja bem, aquela criança, especialmente, os meninos, o primeiro presente que eles recebem provavelmente no Brasil é a bola. Eles jogam futebol desde criança.</p> <p>Ele assiste aos jogos da televisão, assiste aos jogos nas mídias em geral, assiste nos campos de futebol com o pai. Esse ambiente de futebol, culturalmente, esse ambiente do futebol é muito difundido no Brasil, é uma cultura muito arraigada na sociedade, nas crianças e nos jovens. Então, é uma consequência muito natural que ele vá querer desenvolver aquilo que desde criança está envolvido naquilo.</p>

VÍDEO Crianças jogando futebol na rua	E isso tem essa dimensão, passa pra ele essa imagem de ‘caramba posso fazer o que eu gosto’, porque é muito divertido jogar futebol, o jogo é muito divertido, a atividade lúdica é muito divertida. E nos aspectos de socialização, nos aspectos de amizades, no aspecto de relacionamento de uns com os outros, isso é muito forte.
Luiz Otávio Teles Assumpção – Doutor em Sociologia do Esporte	‘Caramba, se eu posso ficar fazendo isso, o que eu gosto, ludicamente, e isso pode transformar até mesmo um meio de viver, por que não?’.”
VÍDEO Crianças jogando futebol na rua	SOBE SOM Ambiente + Música: Instrumental Rap Beat/Samba (Sample Cartola) – Zaru Beatz
CENA 3 LETREIRO – Escalação	
CENA 4 Francisco: Apresentação	“Meu nome é Francisco Aécio, hoje, estou com 32 anos. Minha escolaridade é ensino médio completo, minha profissão atual, hoje, é motorista. Só que por motivo de saúde estou encostado pelo INSS e nas

	horas vagas eu sou treinador de futebol de crianças de 7 a 17 anos.”
CENA 5 Marlene: Apresentação	“Me chamo Marlene de Souza Gonçalves, tenho 32 anos, nasci na cidade de Dom Bosco – MG. Atualmente, trabalho como supervisora de loja, em uma rede de farmácia.”
CENA 6 Henrique: Apresentação	“Henrique Luciano da Costa, tenho 26 anos, e nasci aqui em Brasília. Tenho ensino superior completo, sou formado em direito e sou servidor público do Departamento Penitenciário Nacional.”
CENA 7 Romário: Apresentação	“Meu nome é Romário Silva de Araújo. Idade 23 anos. Trabalho de gari.”
CENA 8 LETREIRO – Apito inicial	

<p>CENA 9</p> <p>Francisco</p> <p>VÍDEO Francisco dando treino</p> <p>Francisco</p>	<p>“Quando você tem esse sonho, você precisa assimilar seu tempo. No meu tempo era assim: colégio de manhã e treino à tarde. Então minha mãe falava: “Filho larga disso. Vai fazer um curso, vai se preparar profissionalmente para alguma área”. Só que eu vivia o sonho do futebol e eu não tinha sonho para curso, não tinha tempo para nada. Então, até eu arrumar um emprego que eu pudesse me estabilizar financeiramente, eu tive que batalhar muito.”</p>
<p>CENA 10</p> <p>Romário</p> <p>FOTO Romário com os irmãos</p> <p>VÍDEO Copa Gari (atrás do gol)</p> <p>VÍDEO Copa Gari (Romário conduzindo a bola)</p> <p>Romário</p>	<p>“Desde os quatro anos, que eu sempre tive o sonho de ser um jogador de futebol. Ai, desde pequenininho, eu sempre corri atrás. Joguei campeonato na escola e aqui mesmo nas quadras. Fui campeão várias vezes, desde pequeno. Eu via uma alegria. Eu sou muito fanático com futebol. Aí era meu sonho, desde pequenininho, que falava que eu queria ser jogador de futebol, sempre falava para os meus pais que queria ser.”</p>

CENA 11 Henrique	“Foi mais uma questão de paixão mesmo. Futebol é uma paixão muito grande.”
CENA 12 Carlos Alberto Teixeira da Costa – pai do Henrique + GC	“Qualquer pai faz o que puder e o que não pode para tentar realizar o sonho dele.”
CENA 13 Marlene VÍDEO Marlene fazendo embaixadinhas Marlene	“Sonho de poder ajudar minha família a ter uma vida melhor. E era o futebol, parece, que na época dava mais dinheiro. Meu sonho era de ajudar minha família mesmo.”
CENA 14 Paulo Henrique Azêvedo – Doutor em Gestão do Esporte + GC	“A maioria vem de famílias muito carentes. É o sonho da família ter um jogador famoso para poder realizar o seu sonho. Que não vai ser realizado por meio do trabalho comum, que todo cidadão faz. É a via mais rápida. Então, ficam investindo muito nos filhos na expectativa que eles façam aquilo que os pais não

<p>VÍDEO Treino de goleiros (professor ensinando)</p> <p>Paulo Henrique Azêvedo – Doutor em Gestão do Esporte</p> <p>VÍDEO Treino de goleiros (aluno pulando)</p> <p>Paulo Henrique Azêvedo – Doutor em Gestão do Esporte</p>	<p>puderam dar. Então, isso continua, até na classe média vemos isso acontecendo. Mas fundamentalmente nas classes mais pobres. Então, em função disso continua o sonho e esse investimento nos filhos, até mesmo sem poder, para que surjam, ali, os atletas que resolvam os problemas das famílias. O que a gente sabe que 99% das vezes, ou mais, isso não vai acontecer.</p>
<p>CENA 15</p> <p>Luiz Otávio Teles Assumpção – Doutor em Sociologia do Esporte</p> <p>VÍDEO Professor arrumando material</p> <p>Luiz Otávio Teles Assumpção – Doutor em Sociologia do Esporte</p> <p>VÍDEO Professor dando instrução</p> <p>VÍDEO Chute focalizado na bola</p> <p>VÍDEO Crianças brincando de futebol</p> <p>VÍDEO Criança chutando a bola</p> <p>VÍDEO Crianças brincando de futebol</p>	<p>“Futebol existe há mais de 100 anos no Brasil. Quando começou era um esporte de elite e por ser um esporte relativamente barato, ele tem maior possibilidade de desenvolvimento. Você não precisa de muitos recursos. Um campo de futebol, mais ou menos plano, já possível de se participar. Uma população como do Brasil, que é relativamente mais carente, ela tem que dificuldades em esportes mais caros. O futebol, além de ser o esporte mais difundido no mundo ele tem essa possibilidade, no Brasil, pelos recursos. É muito fácil praticar futebol, basta uma bola e um grupo de amigos e está pronto o espaço.”</p>

<p>CENA 16</p> <p>LETREIRO – Chance de gol</p>	
<p>CENA 17</p> <p>Marlene</p> <p>FOTO Marlene com o time I</p> <p>FOTO Marlene com o time II</p> <p>FOTO Marlene com o time III</p> <p>VÍDEO Medalhas da Marlene</p>	<p>“Aos 10 anos, tive minha primeira experiência em jogar contra um time de outra cidade e foi uma experiência muito boa. Pessoas mais maduras do que eu, eu era bem mais nova, bem mais miudinha. E a partir daí eu tive minhas experiências em jogar em outros times, outras cidades. Torneios valendo medalhas e troféus. Depois de certo tempo vim para Brasília, onde tentei ser jogadora de futebol, durante 10 anos. Passei por vários times.</p>
<p>CENA 18</p> <p>Henrique</p> <p>FOTO Henrique no jornal</p> <p>Henrique</p> <p>FOTO Henrique no CFZ</p> <p>Henrique</p> <p>FOTO Henrique no Jaguar</p> <p>FOTO Henrique com o time</p> <p>FOTO Henrique com empresário em Portugal</p> <p>FOTO Henrique no Rio Ave (Portugal)</p>	<p>“Comecei jovem, desde os 11 anos, eu acho, eu já jogava em escolinha. Joguei futsal na escola, depois fui jogar na escolinha do Zico, aqui em Taguatinga, que era de society, depois fui jogar na escolinha do Jaguar, que já era escolinha de campo, fiquei uns dois anos, e fui rodando. Joguei em vários lugares até os 20 anos de idade mais ou menos.</p> <p>Eu fui pra Portugal dia 18 de fevereiro de 2009, que foi quando eu completei 18 anos. Eu completei 18 anos dia 10 de</p>

Henrique	fevereiro e no dia 18 eu viajei pra Portugal.”
CENA 19 Romário FOTO Romário com o time I FOTO Romário com o time II Romário	“Desde pequenininho, nós ganhávamos tudo aqui. A gente tinha um time, aí toda vez que nosso time ia jogar o povo já ficava com medo: “Vish, é o time do Romário”. Aí desde pequenininho, nós ganhávamos tudo: sub 18, sub 17, sub 19. Aonde a gente ia jogar, nós levávamos tudo.”
CENA 20 Francisco VÍDEO Francisco grito de guerra Francisco VÍDEO Francisco abraçando o filho Francisco	“O time maior da cidade, aqui, era o Ceilândia. Eu joguei lá por 3 anos, tive muitas conquistas lá. Graças a Deus, foi uma carreira vitoriosa. Quando eu ia passar para os juniores foi quando eu tive a primeira lesão. Dos juniores, eu já ia para o profissional. Só que da lesão, fisioterapia, falta de dinheiro, porque querendo ou não, na época, você precisava de dinheiro, família carente, eu precisava de dinheiro e meu pai mal sustentava a casa e eu comecei a trabalhar. E não dava pra conciliar os treinos e o trabalho.
CENA 21 Henrique	... “Eu considerava aquela a melhor oportunidade da minha vida. Porque é o caminho que todo mundo sonha, fazer um

FOTO Henrique no Rio Ave (foto de início de temporada)	bom trabalho no Brasil e depois ir jogar na Europa.”
CENA 22 Catiane Alves Carvalho – esposa do Francisco + GC	“No começo é difícil. Passa mais tempo no futebol do que em casa. Mas aí, eu fui me adaptando, indo também para os treinos e acompanhando. Ai a gente acaba acostumando”
CENA 23 Reinaldo Gabriel Silva de Araújo – irmão do Romário + GC	“Ele tinha futuro. Só que não tinha ninguém para ajudar, para patrocinar ele, para poder levar ele para time grande. Porque nós nunca tivemos alguém para ajudar. Porque ele é bom de bola, se tivesse alguém para investir, talvez ele pudesse ser profissional hoje.”
CENA 24 LETREIRO – Impedimento	
CENA 25 Luiz Otávio Teles Assumpção – Doutor em Sociologia do Esporte	“Ele não é democrático. Ele não é democrático com negros. Você não vê negros nos cargos de direção. Ele não é

<p>VÍDEO Time feminino enfileiradas para o hino</p> <p>Luiz Otávio Teles Assumpção – Doutor em Sociologia do Esporte</p>	<p>democrático com as mulheres. Ele não tem a visibilidade nem o impacto que tem, não se mostra como se mostra o futebol masculino. Você não tem mulheres dirigentes, treinadoras, árbitras. Não é. Obviamente ele não é aberto para todos. Esse é um discurso populista e um discurso demagógico.”</p>
<p>CENA 26</p> <p>Marlene</p> <p>VÍDEO Marlene fazendo embaixadinhas II</p> <p>Marlene</p>	<p>“Minha mãe mais. Meu pai não era muito de apoiar. Ele não gostava que a gente jogava futebol, ele não gostava que a gente saía para jogar. Principalmente em outras cidades. Ele sempre falava que futebol era coisa de homem, não era coisa de mulher”</p>
<p>CENA 27</p> <p>Paulo Henrique Azêvedo – Doutor em Gestão do Esporte</p> <p>VÍDEO Time feminino rezando antes da partida</p> <p>VÍDEO Cobrança de falta</p> <p>VÍDEO Troca de passe</p>	<p>“Falta enxergar a existência do futebol feminino. Os poucos sites que acompanham o futebol feminino do Brasil, não são muito vistos pelas pessoas. Falta enxergar. Porque quando se enxergar o futebol feminino de melhor maneira os patrocinadores vão querer se aproximar também. E oferecer os recursos necessários para que possa crescer.”</p>

Paulo Henrique Azêvedo – Doutor em Gestão do Esporte	
CENA 28 Marlene VÍDEO Marlene mostrando os uniformes	“A falta de oportunidade, a falta de modalidade também. Porque na minha cidade não tinha uma estrutura, não tinha patrocinadores, não tinha olheiros, e era eu e eu. Eu corria atrás das pessoas para gente treinar porque eu gostava, e eu sonhava em ser.”
CENA 29 Paulo Henrique Azêvedo – Doutor em Gestão do Esporte	“Mas, se eu investir, tal como foi investido por séculos ao homem, nós teremos um futebol feminino no mesmo nível que nós temos, hoje, o futebol masculino. Mas temos que investir, temos que trabalhar. E isso não vai acontecer de um momento para outro. “
CENA 30 Zenilda Maria Luciano da Costa – Mãe do Henrique + GC	“Ele foi obrigado a desistir porque não teve uma oportunidade real mesmo. Acho que faltou um olhar de alguém. Porque qualidade ele sempre teve.”

<p>CENA 31</p> <p>Henrique</p> <p>FOTO Henrique no Rio Ave (foto de início de temporada)</p> <p>FOTO Henrique de muletas</p> <p>Henrique</p>	<p>“9 de janeiro de 2010, que foi o segundo jogo do ano, o primeiro tinha sido dia 2. Dia 9 de janeiro, tive uma lesão na posterior, que foi uma lesão mais séria. Uma lesão muscular. E eles foram muito negligentes nos cuidados comigo, eles queriam me colocar para voltar mais cedo e também teve a questão de achar que estava bem, eu não tinha experiência. Aí, eu machuquei de novo, senti de novo a lesão, e fiquei um bom tempo parado e tive lesões recorrentes. Ficava 3 semanas sem treinar aí voltava e sentia a mesma lesão de novo. Eles não me davam tratamento adequado, queriam antecipar a volta e acabou me prejudicou completamente.”</p>
<p>CENA 32</p> <p>Francisco</p>	<p>“Eu vi que para mim não ia dar, porque, até então, as oportunidades que apareceram não foram tão vantajosas. Falta de grana, falta de dinheiro que querendo ou não no mundo do futebol isso, pelo menos na minha época. Hoje não. Hoje, os clubes se empenham mais em ajudar garotos que tem o dom do futebol, mas na minha época não era assim, ou você tinha o talento ou não tinha. Ou você tinha o dinheiro ou não</p>

	<p>tinha. Pra mim sempre foi muito difícil. Mas até os 17 anos, 17 para os 18 eu batalhei muito. Sonhei. Nessa luta. Nesse meu sonho.</p>
<p>CENA 33</p> <p>Romário</p> <p>TELA PRETA</p> <p>VÍDEO Romário arrumando o caminhão</p> <p>VÍDEO Romário recolhendo lixo I</p> <p>VÍDEO Romário recolhendo lixo II</p>	<p>“E depois de lá pra cá eu desanimei. Porque no dia eu vi que joguei bem, fiz gol, dei passe e não consegui passar. Depois de lá, eu desisti e eu comecei a trabalhar e arrumei o emprego na Sustentare de gari.”</p> <p>SOBE SOM (barulho do caminhão)</p>
<p>CENA 34</p> <p>LETREIRO – Apito final</p>	
<p>CENA 35</p> <p>Carlos Alberto – pai do Henrique</p>	<p>“Ele parou por uma boa causa, ele falou: ‘pai, tenho 20 anos. Daqui cinco anos meus amigos vão estar formados, todos vão estar bem empregados. Ou, eu vou estar bem de vida, o que acho muito difícil com o futebol ou, vou tá aí andando de</p>

	time em time ganhando salário mínimo e isso eu não quero pra mim’.”
CENA 36 Francisco VÍDEO Francisco dando instruções Francisco	“Lá é voluntário. Pode ir lá e treinar. A gente faz uma avaliação, vemos se tem realmente a vocação para aquilo e vamos treinando. Tem alguns que chegam meio cru e a gente faz ensinando. Tem tá na escola. Tem que tá na escola. Todo bimestre a gente cobra os boletins deles.”
CENA 37 Paulo Henrique Azêvedo – Doutor em Gestão do Esporte	“Boa parte dos atletas, no futuro, deixarão o futebol e se não tiverem estudo eles terão muitas dificuldades em se adaptar à nova realidade que eles vão encontrar no mercado. Esse ponto é importante, quando eu fortaleço a educação dos atletas, particularmente o que se refere acadêmica, eu também estou contribuindo para a vida futura desse atleta.”
CENA 38 Marlene	“Eu deixei o futebol em primeiro lugar. Porque eu sonhava com aquilo. E mesmo depois dos 22 anos que eu tinha desistido de ser profissional, ainda deixei o futebol em primeiro lugar. Mas, seu tivesse

	pensado um pouquinho, com certeza eu já estaria em outra profissão”
CENA 39 Romário	“Como meus pais não tinham benefícios para me dar dinheiro da passagem para ir treinar, daí eu preferi desistir.”
CENA 40 LETREIRO – Pós-jogo	
CENA 41 Marlene	“Eu deixava a família mesmo. Deixava. Mas não me arrependo não. Porque era um sonho que eu tinha.”
CENA 42 Francisco	“Hoje, eu me arrependo. Eu poderia estar num lugar melhor para minha família.”
CENA 43 Henrique	“Futebol não é uma equação exata. Não dá para cravar, mas eu não me arrependo não.”
CENA 44 Romário	“Eu não me arrependo, não.”

<p>CENA 45</p> <p>“O pior é que as tristezas voltam, e não há outro Garrincha disponível. Precisa-se de um novo que nos alimente o sonho” Carlos Drummond de Andrade</p> <p>Luiz Otávio Teles Assumpção – Doutor em Sociologia do Esporte</p>	<p>SOBE SOM</p> <p>Música: Instrumental Rap Beat/Samba (Sample Cartola) – Zaru Beatz</p> <p>“Sempre gostei muito dessa frase do Carlos Drummond. Não teremos outro Garrincha para nos alegrar. Um dos papéis do esporte é justamente isso, é perigoso porque pode ter uma função narcótica e alienante. Porque ele não resolve os problemas. Achar que o futebol é uma panaceia para os problemas sociais, isso é uma ilusão. Uma perigosa ilusão.</p>
<p>CENA 46</p> <p>Dados</p> <p>A Confederação Brasileira de Futebol (CBF), apresentou em 2015, um relatório com números que ajudam a entender a realidade do futebol brasileiro.</p> <p>Existiam 28.203 atletas profissionais registrados</p> <p>82,4% - 23.238 jogadores</p> <p>Recebiam salários de até R\$ 1.000,00</p>	<p>Música: Instrumental Rap Beat/Samba (Sample Cartola) – Zaru Beatz</p>

<p>13,7% - 3.859 jogadores</p> <p>Recebiam salários entre R\$ 1.001,00 e 5.000,00</p> <p>1,4% - 381 jogadores</p> <p>Recebiam salários entre R\$ 5.001,00 e 10.000,00</p> <p>0,004% - 1 jogador recebia salário maior que R\$ 500.000,00</p> <p>Tornar-se jogador profissional é o sonho de grande parte das crianças, mas o desfecho negativo é mais comum ainda, já que a estimativa é que menos de 1% dos candidatos passam pelas peneiras dos clubes. – Unicef, 2014.</p>	
<p>CENA 47</p> <p>ARTE: NA TRAVE – A ILUSÃO DO FUTEBOL NO DF</p> <p>Este filme é apresentado como requisito parcial para Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.</p>	<p>Música: Instrumental Rap Beat/Samba (Sample Cartola) – Zaru Beatz</p>

<p>Música</p> <p>Instrumental Rap Beat/Samba (Sample Cartola) – Zaru Beatz</p> <p>Orientação</p> <p>Luiz Cláudio Ferreira</p>	<p>terrível.” Carlos Alberto – pai do Henrique</p> <p>“Eu sentia, em determinados momentos, como se eu estivesse abandonando meu filho aos cuidados de outros.” Zenilda – mãe do Henrique</p> <p>“O futebol é sonho de muitos, mas a realidade de poucos.” Francisco</p>
---	--